



CENTRO DE INTEGRIDADE PÚBLICA
Anticorrupção - Transparência - Integridade

Jean Boustani fala da sua relação com Armando Guebuza

- O libanês disse que conheceu o antigo presidente de Moçambique na sua festa de aniversário em Maputo e o convenceu a aprovar o projecto das dívidas ocultas

A Prinvest submeteu o projecto de protecção da Zona Económica Exclusiva (ZEE) de Moçambique ao gabinete do Presidente da República, a 31 de Dezembro de 2011 e seguiram-se longos 13 meses de negociações, que levaram Jean Boustani e seu chefe Iskandar Safa a perder esperança de ver o projecto avançar. Tudo mudou quando em Janeiro de 2013, o jovem libanês viajou de Abu Dhabi para Maputo e participou na festa de 70º aniversário natalício de Armando Guebuza, durante a qual abordou o então chefe do Estado sobre o projecto e 24 horas depois já tinha tudo aprovado.

“Safa disse, ‘Jean, se não encontrarmos o presidente [de Moçambique], este projecto não vai acontecer’”, contou Boustani. “Então fui a Moçambique para fazer de tudo para encontrar o presidente”, disse.

O jovem vendedor de produtos da Prinvest, contou ao júri que notou que o seu intermediário, Teófilo Nhangumele, não era capaz de fazer aprovar o projecto. E seguindo conselhos de Iskandar Safa, decidiu embarcar para Maputo, para tentar falar com

o filho de Guebuza, Armando Ndambi Guebuza, e através deste chegar ao seu pai.

“Cheguei [a Maputo] no início de Janeiro de 2013. Falei com o Júnior [Armando Ndambi Guebuza] e expressei a minha frustração. Disse que ‘já passam 2 anos a falar com bancos e autoridades de Abu Dhabi e nada avança. Se fosse possível arranjar um encontro com o seu pai para dar explicação...’”, disse.

Segundo Boustani, Ndambi respondeu que no fim de semana a seguir iria se realizar a festa de aniversário do seu pai, Armando Guebuza. Efectivamente Guebuza completava anos a 20 de Janeiro, um domingo.

Boustani disse que foi convidado à festa, pelo filho de Guebuza e foi lá onde teve a oportunidade de falar com Guebuza pela primeira vez.

“Encontrei-me com o presidente Guebuza na festa do seu aniversário. Eram 70 anos. Falei detalhadamente sobre tudo o que estávamos a tentar fazer desde 2011. Enfatizei a estratégia de protecção costeira”, narrou.

“Ele disse que o projecto era bem-vindo. Falou-me da sua visão sobre Moçambique. Disse-me que era general e antigo combatente da luta de libertação nacional e que agora faltava garantir a independência económica do país. Disse que estava em fim do mandato e queria deixar isso como seu legado. E pediu-me para ir ao seu escritório no dia seguinte. E lá fui com o Armando”, continuou.

No dia seguinte, que era uma segunda-feira, Jean Boustani afirmou ter ido ao gabinete de Armando Guebuza e lá Guebuza o informou que o projecto teria andamento e o focal point seria alguém sénior dos serviços secretos que o iria contactar. O agente dos serviços secretos é António Carlos do Rosário, que o contactou, disse, em menos de uma semana.

“Eu lhe falei de Abu Dhabi, da relação de Safa com a família real, do valor acrescentado que a Privinvest iria trazer em Moçambique e da visita de Estado que iríamos preparar para ele em Abu Dhabi para poder conhecer um pouco da Privinvest, fazer o seu due diligence e encontrar-se com a família real”, contou.

“Guebuza ficou gelado e disse ninguém pode levar nem um centavo [de suborno]”

Boustani contou que dada a abertura de Guebuza, falou-lhe que havia iniciado a negociação com alguém chamado Teófilo Nhangumele, que disse que agia em nome do presidente da República e que o mesmo havia pedido 50 milhões de dólares que seriam partilhados com o presidente.

“Ele ficou gelado. Perguntou ao Júnior, em português, quem era esse Nhangumele. Ele respondeu que ‘não sei. Me foi apresentado pelo Bruno Langa’”, contou Boustani. “E ele virou-se para mim e disse: estamos a falar de grandes coisas. Da segurança do País, de armas, de coisas sérias. Ninguém podem levar um centavo, nem um! Qualquer um que pedir [suborno] venha até a mim e diz quem é”.

Entretanto, apesar da orientação de Guebuza, Jean Boustani disse que ele e Iskandar Safa decidiram que a iriam pagar 5% de todo o projecto da ProInducus

a Teófilo Nhangumele e Bruno Langa, pelo papel que estes desempenharam de levar Boustani até ao Ndambi Guebuza e por conseguinte poder chegar ao seu pai, Armando Guebuza. Mostrou ao tribunal ordens de pagamento de 8,5 milhões de dólares para cada um dos dois, totalizando 17 milhões de dólares, que é aproximadamente 5% de 350 milhões de dólares, valor inicial do projecto da ProInducus.

Explicou que este pagamento ao Teófilo Nhangumele substituiu os 50 milhões de dólares inicialmente solicitados na famosa mensagem “50 milhões de frangos para a minha capoeira”.

Guebuza pediu para Privinvest apoiar Frelimo

Boustani contou que no encontro realizado na presidência da República, supostamente, a 21 de Janeiro de 2013, Armando Guebuza formulou 5 pedidos a Privinvest, dentre os quais, apoio a Frelimo.

- “Contribuir para melhorar a segurança nacional”. Disse que “sem segurança não haveria turismo, investimento, e o país seria segmentado”, contou;
- “Atrair investimento de Abu Dhabi para todos os sectores e não somente para o sector de petróleo e gás”;
- “Trazer investimento da Privinvest em muitos sectores em Moçambique”;
- “Apoiar Junior a crescer como homem de negócios”
- “Apoiar a Frelimo”, contou o libanês.

Recorde-se que o partido Frelimo recebeu 10 milhões de dólares em transferências bancárias efectuadas pela empresa Logistics International, uma empresa do grupo Privinvest.

As trapalhadas de Boustani e a irritação do sempre tranquilo juiz

A longa fala de Jean Boustani que durou das 10h30 até aproximadamente 16h58 (com 3 intervalos totalizando hora e meia), teve muitos momentos interessantes, incluindo de contradição arguido. Na sua história sobre o encontro com Guebuza, disse que foi na festa de aniversário deste e que logo a seguir o projecto entre a Privinvest e a ProInducus, foi aprovado e assinado. Entretanto, a cópia do contrato que apresentou ao júri

foi assinado no dia 18 de Janeiro de 2013, portanto, 2 dias antes da data de aniversário de Guebuza. Ninguém questionou a Boustani sobre esta contradição, para já, pois ainda não começou a ser interrogado pela acusação.

A fala de Boustani foi de clara propaganda para o júri, tentando passar a imagem de que fez tudo correctamente e que a sua prisão é injusta e o julgamento nunca devia ter acontecido pois ele é inocente. As perguntas colocadas pelo seu advogado, Michael Schachter, foram claramente preparadas para permitir respostas longas de Boustani a contar história de um jovem humilde e trabalhador, que só queria vender produtos da sua empresa e ajudar Moçambique.

O juiz William F. Kuntz II, um sessentão sempre tranquilo, perdeu a paciência com o “teatro” de Jean Boustani e seu advogado. Começou a rejeitar a apresentação de muitos documentos que a defesa de Boustani pretendia mostrar no ecrã gigante como evidências. Foram mais de 10 documentos rejeitados, algo que nunca tinha antes acontecido, desde o início do julgamento.

Aproveitando o intervalo e no momento em que os 15 membros do júri já haviam saído da sala para o almoço, o juiz expressou a sua irritação com o “espectáculo” que estava a ser promovido por Jean Boustani e seu advogado.

“Eu sei bem o que estão a fazer. Eu disse que este julgamento é de seis semanas e esta é a sexta semana. Vai ter que acabar esta semana. Vocês podem escolher entre parar ou continuar a fazer este jogo. E ai eu vos paro. E sei como fazê-lo”, disse o juiz, notavelmente irritado. O Juiz se dirigia ao advogado Michael Schachter, que comanda a inquirição ao réu.

O que irrita o juiz é que a defesa está a levar muito tempo a fazer perguntas tendenciosas a Jean Boustani, questões previamente acordadas para que o réu possa apresentar respostas a seu favor. E este processo está a levar muito tempo, quando o tempo já é escasso.

Depois da defesa terminar com as questões, deve ainda sobrar tempo dos procuradores do Ministério Público fazerem o interrogatório, conhecido como *cross examination*. Deve ainda haver tempo para réplica, pela defesa.

Ainda antes de terminar o julgamento, a acusação e a defesa devem apresentar alegações finais e o júri deve decidir. O tempo está a ficar escasso para tanto trabalho ainda por realizar e a demora com questões banais está a irritar o juiz.

O julgamento do libanês continua esta quarta-feira, em Brooklyn, Nova York. Boustani é o único dos 8 réus que está a ser julgado pelo seu envolvimento em crimes financeiros relacionados com a contratação das dívidas ocultas

Nota de explicação

O Centro de Integridade Pública (CIP) segue com grande interesse o caso das dívidas ocultas desde que foi despoletado. Este é o maior escândalo financeiro desde que Moçambique existe como Estado e os seus efeitos são por demais dolorosos para os moçambicanos. Por estes motivos, o CIP decidiu acompanhar de perto todos os desenvolvimentos do caso para melhor se informar e consciencializar os moçambicanos sobre os males da corrupção.

O CIP passará a fazer publicações especiais relacionadas com todos os acontecimentos importantes do caso para que mais moçambicanos possam acompanhar a evolução dos factos. O CIP colabora e está aberto a colaborar com a imprensa moçambicana para troca de informação em torno deste caso.

**** Todos documentos e informações nesta publicação foram apresentados em sede de tribunal de Brooklyn New York pelas partes ouvidas no processo (veja aqui: <https://pcl.uscourts.gov/pcl/index.jsf>). O CIP, simplesmente está a fazer a reprodução das mesmas colocando-as no domínio público.**

Maputo, 20 de Novembro de 2019



CENTRO DE INTEGRIDADE PÚBLICA
Anticorrupção - Transparência - Integridade

Rua Fernão Melo e Castro nº 124, Bairro da Sommerschild

Tel: (+258) 21 499916 | Fax: (+258) 21 499917 Cel: (+258) 82 3016391

Email: cipmoz@gmail.com  [@CIP.Mozambique](https://www.facebook.com/CIP.Mozambique)  [@CIPMoz](https://twitter.com/CIPMoz)  [+258 84 389 0584](https://api.whatsapp.com/send?phone=258843890584)

www.cipmoz.org | Maputo - Moçambique